



José Eduardo
AGUALUSA

código do livro
0505L20603025IL

A VIDA A NO CÉU

ROMANCE PARA JOVENS E OUTROS SONHADORES





A VIDA A NO CÉU

ROMANCE PARA JOVENS E OUTROS SONHADORES

*Para o Carlos e a Vera,
que não me deixam envelhecer.*

*Para a Lara,
pelo mesmo motivo, e pelos pastéis de nata.*

*Para a Verónica Metello,
que me apresentou à sociedade dos admiradores de nuvens.*

 Editora Melhoramentos

José Eduardo
AGUALUSA

**A VIDA
A NO
CEU**

ROMANCE PARA JOVENS E OUTROS SONHADORES

(no qual se inclui um brevíssimo dicionário filosófico do mundo
flutuante para uso de nefelibatas amadores)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Agualusa, José Eduardo

A vida no céu: Romance para jovens e outros sonhadores / José Eduardo Agualusa.

– São Paulo: Melhoramentos Livrarias, 2018. 1ª edição.

ISBN 978-85-8155-102-9

1. Romance angolano (Português) I. Título.

18-15613

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura angolana em português 869.3

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.

© José Eduardo Agualusa. By arrangement with Literarische Agentur Mertin Inh.
Nicole Witt e.K., Frankfurt, Germany

Direitos de publicação:

© 2018 Melhoramentos de São Paulo Livrarias Ltda.

Projeto gráfico e diagramação: Amarelinha Design Gráfico

O nome Facebook® é marca registrada de titularidade da FACEBOOK, INC.

O nome Apple® é marca registrada de titularidade da APPLE, INC.

1ª edição, fevereiro de 2021

ISBN: 978-85-8155-102-9

Atendimento ao consumidor:

sac@melhoramentos.com.br

Impresso no Brasil no Parque Gráfico da Editora FTD S.A.

CNPJ: 61.186.490/0016-33



 Editora Melhoramentos

*Na alegre língua dos nefelibatas, a palavra sonho –
ou melhor, a gargalhada que significa sonho –
é a mesma que significa vida.*

Han-Li, em *Segredos dos Nefelibatas*

Por dentro de *A Vida no Céu*

Autor

José Eduardo Agualusa nasceu no Huambo, Angola, em 1960, filho de família luso-brasileira. Estudou silvicultura e agronomia em Lisboa, Portugal, mas logo passou a dedicar-se ao jornalismo e à escrita, iniciando sua carreira literária em 1988, com o livro *A conjura*. Membro da União dos Escritores Angolanos, escreveu romances, livros de contos, livros infantis e peças de teatro. Com sua escrita, viveu em países como Holanda e Alemanha. Seus livros estão traduzidos em mais 20 idiomas e já receberam diversos prêmios, como o XII Prêmio Independente de Ficção Estrangeira do Reino Unido (2007) e o Prêmio Literário Internacional de Dublin (2017). Considerado um dos mais importantes escritores africanos, Agualusa realiza, para a rádio RDP África, o programa *A hora das Cigarras*, de música e textos africanos, e publica crônicas no jornal brasileiro *O Globo*.

Neste livro, encontramos Carlos, um jovem angolano que vive em Luanda, uma cidade flutuante, estabelecida num conjunto de balsas também conhecido como “aldeia

biblioteca”, uma vez que é dedicada aos livros. Você deve estar se perguntando: mas Luanda não era uma cidade construída sobre a terra? Sim, *era!* Depois do Dilúvio causado pelo aquecimento global, os sobreviventes precisaram construir cidades flutuantes. São Paulo, Tóquio e Nova York estão entre os maiores dirigíveis, enquanto cidades pequenas – como Luanda – organizaram-se em balões, formando as aldeias. Carlos, nosso protagonista, parte à procura do pai, que está desaparecido desde que, no meio de uma tempestade, caiu da balsa. Carlos pousa no Paris, um zepelim muito rico, e conhece Aimée, seu primeiro amor e companheira nas aventuras de sua vida no céu.

Obra

Um mundo flutuante, pessoas morando em dirigíveis, com água e céu por todos os lados! Esse é o mundo em que você vai adentrar quando abrir as páginas deste livro. *A Vida no Céu* é um livro para todas as idades, mas principalmente para aqueles que adoram embarcar em histórias de fantasia e ficção científica. Espera, você não está entendendo nada? É porque o ritmo dessa história é acelerado: muitas coisas acontecem com Carlos, o nosso protagonista, que procura o pai e acaba encontrando muitas outras aventuras e conflitos pelo caminho...

Mas esse caminho é bem incomum porque não há mais terra e todos os habitantes aqui são nefelibatas, ou seja, moram nas nuvens e navegam pelas aldeias e redes... Epa, céu, nuvem, rede, essas palavras não sugerem a você uma relação com o mundo virtual? Pois é, nesse

livro você vai interagir com personagens para os quais a internet, com suas informações, formas de rastreamento e redes sociais, é imprescindível à comunicação entre os habitantes de um espaço outro, já transformado pelos desastres ambientais.

Mas não é só aventura que você vai encontrar nesse livro. É um romance, mas com muita poesia emaranhada entre as tramas dessas redes. No início de cada capítulo, um verbete conduz a leitura nos fazendo sonhar com outros mundos possíveis, anteriores ao desastre ambiental que inundou a Terra. Seria esse mundo, então, justamente o nosso?

Curiosidades

A Vida no Céu é um romance e, por isso, imprescindível aos jovens leitores que estão nos anos finais do Ensino Fundamental. Esse gênero dá espaço para histórias mais longas que se estendem no tempo e no espaço e, pelo vagar exigido na leitura, tem a qualidade de nos prender por mais tempo na aventura, acompanhando os personagens nas resoluções de seus conflitos. Assim, pelas suas características, o gênero romance permite que se construa entre o leitor e os personagens um espaço de intimidade, algo que, na era digital, é cada vez mais raro.

Por isso, o livro de Aqualusa nos proporciona uma experiência estética singular: por meio da construção da linguagem, mergulhamos num universo possível no qual entramos para experimentar sensações e, depois, saímos mais preparados para atuar no mundo que nos rodeia.

Além disso, *A Vida no Céu* é um romance de ficção científica, e, nesse tipo de narrativa, somos convidados a dar um pulinho no futuro e imaginar o que foi feito das nossas ações. Se, no livro, não há mais terra na Terra é porque não cuidamos bem do nosso planeta, não respeitamos a biodiversidade e a vida. De modo que está aí o maior poder dessa ficção: ajudar-nos a ver o futuro e aquilo que ainda nem aconteceu para, quem sabe assim, podermos mudar nossas atitudes, fazer escolhas mais respeitosas e generosas com a nossa vida e a do planeta.

≡ Editora Melhoramentos

Sumário

1^o
Capítulo 16

2^o
Capítulo 30

3^o
Capítulo 36

4^o
Capítulo 43

5^o
Capítulo 49

6^o
Capítulo 59

7^o
Capítulo 70

8^o
Capítulo 76



9^o
Capítulo 84



10^o
Capítulo 94

14^o
Capítulo 134

11^o
Capítulo 104

15^o
Capítulo 143

12^o
Capítulo 110

Biografia 158

13^o
Capítulo 126



1^o

Capítulo

CÉU: todo o território onde a vida é mais leve do que o ar. Para os mais velhos, um lugar desprovido de passado, como existir o canto de uma ave sem que exista a ave.

O lugar para onde ascendem os sonhos, inclusive os maus.

Depois que o mundo acabou, fomos para o céu.

O Grande Desastre – o Dilúvio – aconteceu há mais de 30 anos. O mar cresceu e engoliu a terra. A temperatura na superfície tornou-se intolerável. Em poucos meses fabricaram-se centenas de enormes dirigíveis. Entre os maiores estão o Xangai, com 50 mil habitantes, o Nova York, o São Paulo e o Tóquio, cada qual com 20 mil. As famílias mais pobres, sem meios para comprar apartamentos nessas cidades flutuantes, construíram balões, a que chamamos balsas, muitos deles rudimentares.

Apenas 1% da humanidade conseguiu ascender aos céus, escapando do inferno, lá embaixo. Uns 6 milhões de navegantes. A maioria das balsas resistiu, infelizmente, pouco tempo. Caíram. Afundaram-se no mar. Dez anos depois do Dilúvio, já só permaneciam entre as nuvens uns 2 milhões de pessoas.

Os balseiros arquitetaram aldeias suspensas, ligando os balões uns aos outros através de redes de cabos fosforescentes, que brilham à noite, e de intrincadas pontes de cordas.

Também se construíram dezenas de grandes navios-cidade. Obter a energia necessária para manter uma temperatura suportável no interior dessas cidades foi sempre um problema. A degradação das condições levou a tumultos.

Bandos de marginais tomaram o controle dos navios, hoje em ruínas, à deriva, embora em alguns deles (segundo se diz) ainda resista uma meia dúzia de sobreviventes.

Chamo-me Carlos Benjamim Tucano e nasci há 16 anos, numa aldeia, Luanda, que junta mais de 300 balsas. No conjunto, ocupa uma área bastante vasta. Aldeias grandes são lentas e difíceis de manobrar. Uma balsa isolada, embora menos rápida que um dirigível, consegue evitar tempestades, correndo à frente das nuvens.

O meu pai, Júlio Tucano, desapareceu durante um temporal. Caiu enquanto tentava socorrer uma balsa, incendiada por um raio. Mal o céu serenou, pedimos auxílio a um balão-pesqueiro, o *Paraty*, na esperança, um tanto absurda, de que meu pai tivesse escapado vivo à queda.

A família *Paraty* pesca à linha, com rede e mergulhando. Em qualquer dos casos, são forçados a descer a balsa até escassos metros das águas. Mergulham atados a cordas. Muitas espécies de peixes não sobreviveram ao aumento da temperatura e à crescente acidez dos oceanos. Entre os peixes que resistiram estão os tubarões. A população de tubarões aumentou muito. O calor é o primeiro perigo que os pescadores-mergulhadores enfrentam. Na superfície da água, o ar torna-se quase irrespirável. Durante o dia, o mar fica coberto por uma névoa densa. A reduzida visibilidade é, portanto, o segundo perigo. Muitos pescadores chocam-se, ao saltar, contra detritos flutuantes. O terceiro perigo – evidentemente – são os tubarões.

Os pescadores sobrevoaram o mar durante vários dias e não encontraram sinais do meu pai. Em Luanda,

todos se convenceram de que morreram na queda – o mais provável. E, se não na queda, logo depois, afogado, ou sufocado, ou comido por tubarões.

Todos, menos eu:

– O pai não morreu – disse à minha mãe. – Deixa-me ir à procura dele. O pai tem mais vidas do que um gato.

Eu conhecia a expressão, mas na verdade nunca vira um gato. Os ricos, nos dirigíveis, criam gatos e cães. Nas balsas, porém, isso é impossível. Não há comida suficiente. Despedi-me da família e dos amigos e transformei-me num navegador solitário. A Maianga é um balão com três andares, muito elegante. Na terra, o meu pai era arquiteto. Foi ele quem desenhou a nossa balsa. Júlio nasceu em São Gabriel da Cachoeira, uma pequena cidade no norte da Amazônia, mas cresceu no Rio de Janeiro. Após concluir o curso, deslocou-se para Angola, para colaborar no desenho de uma nova cidade, e aí conheceu a minha mãe, Georgina, bibliotecária. Nunca mais saiu de Luanda. Ou melhor, saiu de Luanda, na terra, para a Luanda, no céu, sempre na companhia da minha mãe.

Os grandes dirigíveis evitam o mau tempo. Raramente enfrentam as quatro estações – muito menos tempestades. Flutuam plácidos e indiferentes, seguindo o sol do verão, ao longo de uma rota conhecida como a Estrada das Luzes. É um nome apropriado. O esplendor das grandes cidades chega, ao longo dessa rota, a desafiar o brilho das estrelas.

Pesquisando na internet as rotas dos grandes dirigíveis, descobri que um deles, o Paris, se afastara da Estrada das Luzes, passando muito próximo da nossa aldeia durante a

tempestade. O mais estranho é que passara não acima da tempestade, para escapar à turbulência, como é regra, mas a uma centena de metros por baixo de nós.

Aimée Longuet, 14 anos, uma das minhas amigas virtuais – amiga do Facebook –, vivia no Paris. Nascera lá. É uma moça loira, com um sorriso resplandecente e uma coleção de chapéus extravagantes, que ela própria desenha e fabrica. Entrei no Facebook e interroguei-a sobre a tempestade. Lembrava-se muito bem. Nunca vira nada assim. O dirigível sofrera uma avaria muito grave, perdera a rota e fora forçado a descer.

– Levamos um enorme susto – contou-me Aimée. – Fazia tanto calor nas varandas que ninguém conseguia ficar lá por mais de 5 minutos. Por outro lado, achei fantástico. Uma aventura.

Para os ricos, qualquer contrariedade é uma aventura. Três semanas após ter deixado Luanda, avistei ao longe, deslizando ao encontro de um crepúsculo selvagem, uma imensa jamanta prateada. Era Paris, o mais belo zepelim do mundo. Alcancei-o em dois dias. Circundei-o, fascinado. Requiri autorização para atracar. Perguntei se poderia fazer uma visita. A maioria dos grandes dirigíveis cobra um visto de entrada, bastante caro, por uma permanência de poucas horas. Passageiros clandestinos são perseguidos e expulsos. Muitas vezes (é o que se diz), limitam-se a atirá-los para fora. Tive sorte. Havia uma vaga na cozinha. Pagavam muito pouco. Em contrapartida, permitiam-me ter acesso, nas horas livres, a alguns dos equipamentos públicos, incluindo a piscina, de 50 metros, discotecas e bares.

Além disso havia a comida. Iguarias de que apenas ouvira falar, em Luanda, nas longas noites de conversa, quando os mais velhos se sentavam a recordar os anos vividos na terra. Os meus amigos ricos – amigos virtuais, claro –, nascidos e criados em zepelins dourados, gostavam de me atormentar filmando a si próprios enquanto jantavam pato com laranja ou saboreavam barras de chocolate produzidas com cacau legítimo. Foi no Paris que provei pela primeira vez leite, iogurte e carne de vaca. Ah, e fruta. Sim, os parisienses cultivam pomares: maçãs, nêspersas, cerejas. Lá fora, nas nuvens, um homem pode matar por uma maçã fresca. Cerejas, por exemplo, eu nem sabia que existiam.

Aimée foi esperar-me no aeroporto. Ancorei a Maianga ao lado de outras balsas, a maioria em muito mau estado. Achei a minha amiga muito alta para a idade, embora não tão alta quanto aparentava na tela do computador. A realidade diminui as pessoas. Nas semanas seguintes, Aimée mostrou-me tudo o que era possível visitar. O que mais me impressionou foi a piscina. Entrei na água, aterrorizado, aturdido, pois nunca vira nada semelhante. Havia o mar, lá muito embaixo, uma irrealdade paralela. O mar era o assombro, afundado em nuvens, para onde lançávamos os mortos. A piscina do Paris tem fundo transparente. Mergulhar nela é como saltar para o abismo sem a segurança de um bom cabo. Aimée ensinou-me a nadar.

– Primeiro você tem de se esquecer – disse-me. – O bom nadador é aquele que se esquece.

A seguir ensinou-me a nadar debaixo da água. A maioria das pessoas enche os pulmões quando mergulha.

O mergulhador experiente, pelo contrário, esvazia-os. Para nadar debaixo da água é preciso deixar à superfície o ar e os pensamentos. Ambos atrapalham.

Nas cozinhas havia sempre muito que fazer. Descascava batatas, lavava pratos, varria o chão. Nunca conseguia me deitar antes das 2 da manhã. Regressava exausto à velha balsa, deixava-me cair na cama e adormecia.

Fiz amizade com um dos cozinheiros, Manu Akendengue, um tipo alto, atlético, de uma agilidade surpreendente para a idade. Manu nasceu na terra, na França, numa cidade chamada Marselha. Talvez flutue ainda em algum lugar uma balsa (ou um pequeno dirigível) chamada Marselha. Os países desapareceram, mas as cidades continuam a existir. O que se passa é que agora viajam. A toponímia tornou-se móvel.

Manu Akendengue inscreveu-se para trabalhar no Paris com muitos milhares de candidatos, entre os quais alguns dos chefes mais famosos da França. Além de excelente cozinheiro, Manu toca saxofone e é um mecânico de mão-cheia. Quando jovem, foi lutador de boxe. No Paris, todos os trabalhadores contratados na terra, incluindo o pessoal da limpeza, possuem múltiplas aptidões. Manu cozinha, toca saxofone numa das bandas mais populares do Paris, a Les Anges Jazz Band, e presta assistência na casa das máquinas. Foi ele quem me falou pela primeira vez num misterioso passageiro clandestino, que teria surgido de repente, vindo do nada, e cujo verdadeiro nome ninguém sabia. Falavam dele em voz baixa. Chamavam-lhe *O Voador* e mantinham-no escondido para que a polícia não o expulsasse.

– Quero conhecê-lo. Onde está?

Manu debruçou-se sobre mim, num sopro:

– Calma. Não sei onde está. Nem sequer sei se realmente existe. As pessoas inventam muito. Querem acreditar em alguma coisa para além desta realidade tão difícil.

– Difícil? – exaltei-me. – Difícil é a vida lá fora, nas balsas.

O cozinheiro sorriu, tentando acalmar-me:

– Imagino que sim. O que quero dizer é que as pessoas têm necessidade de acreditar em profetas. Esse homem aparenta ser uma espécie de profeta. Sonha alto. Fala dormindo. As pessoas fazem-lhe perguntas enquanto ele dorme, e o homem responde. Ao que parece, adivinha coisas.

– Adivinha coisas? Que coisas?

O cozinheiro encolheu os largos ombros. Voltou a atenção para o guisado de algas com queijo de cabra, um dos seus pratos mais requisitados:

– Não sei ao certo, garoto. Nunca vi o homem. Dizem que adivinha coisas, como, por exemplo, o estado do tempo daqui a uma semana. Quem ganhará o Campeonato do Mundo. São os rumores que correm. Como lhe disse antes, talvez seja tudo imaginação do povo.

Passaram-se dias. Uma noite acordei de supetão. Aimée estava diante de mim, linda, com um vestido de seda muito leve, estampado com orquídeas amarelas, e ria às gargalhadas:

– Vem! Quero mostrar-lhe uma coisa.

Arrastou-me pela mão até o Piso Zero. A piscina do Paris fecha às 22 horas. Entre muitas outras habilidades curiosas, Aimée sabe abrir fechaduras. Qualquer fechadura, eletrônica ou mecânica. Entramos. A água brilhava, iluminada pela luz do luar. Era uma noite de verão, sem

nuvens, límpida e lisa como um cristal. Estrelas brilhavam na imensidão.

– Dispa-se! – ordenou Aimée.

Hesitei:

– O que acontece se nos encontram aqui?

A minha amiga voltou-se. Soltara o vestido. A pele, muito branca, parecia azul. Os olhos, azulíssimos, estavam quase transparentes. Sorriu, caçoando:

– A você, o expulsam. Talvez o atirem ao mar. Será comido por tubarões. A mim, castigam-me. Fico seis meses trabalhando nas cozinhas.

Mergulhou, e eu a segui. Foi nesse momento que me apaixonei. Não percebi isso na hora, da mesma forma que um homem picado por um mosquito não percebe que contraiu malária a não ser dias mais tarde, quando sente febre e frio ao mesmo tempo e uma angústia sem fim, uma vontade de dormir e de sonhar.

Sáimos da água, e Aimée voltou a vestir-se. O vestido molhado colava-se à sua pele, as orquídeas fazendo-se transparentes, de tal forma que me parecia mais nua com ele do que sem nada. Abracei-a. Ficamos longos minutos sentados, junto à piscina, contemplando as estrelas. Lembrei-me da história que me contara o cozinheiro.

– Você ouviu falar num passageiro clandestino, a quem chamam *O Voador*?

Os olhos de Aimée iluminaram-se. Ela gostava de mistérios, e aquele parecia-lhe muito bom:

– Volta e meia surgem rumores sobre passageiros clandestinos. Pessoas estranhas que chegam aqui vindas

de lugar nenhum. Lembro-me, era criança, da história de duas gêmeas contorcionistas, que teriam entrado clandestinamente na mala de um mágico voador. Também escutei muitas histórias sobre balões-fantasma. Gosto dessas histórias, embora não acredite nelas.

– E se fôssemos à procura d’O *Voador*?

Aimée fitou-me atentamente. Tinha os olhos úmidos:

– Você acha que pode ser seu pai?

A argúcia dela surpreendeu-me. Sim, quando Manu me falou no misterioso viajante, pensei logo que poderia ser o meu pai. Como me alertara o cozinheiro, os habitantes do Paris acreditavam em milagres. Queriam acreditar. Eu não era muito diferente deles. Queria acreditar que o meu pai continuava vivo. Ao mesmo tempo, não o reconhecia na descrição de um profeta sonâmbulo:

– O meu pai nunca falou dormindo. Muito menos para adivinhar o que quer que fosse. Não pode ser ele.

Aimée não desanimou:

– Só saberemos se é o seu pai quando o encontrarmos. Vamos procurá-lo.

Na noite seguinte, ao sair da cozinha, encontrei Aimée à minha espera. Vestia uma calça jeans muito usada e um casaco do mesmo tecido, rasgado nos cotovelos. Trazia uma pequena mochila às costas.

– Vim preparada. Trouxe lanternas e material que me permite abrir qualquer porta. Também trouxe água e sanduíches de atum. Espero que você goste.

Muitos dos meus colegas dormem em casernas, nos escuros e abafados labirintos que se enrolam, como raízes

teimosas, em redor da casa das máquinas. Perguntei a Leo, um rapaz calado, de espessa cabeleira negra, que costumava trabalhar comigo, a lavar pratos, se podíamos acompanhá-lo. Limitou-se a acenar que sim com a cabeça, indiferente. Ninguém nos prestou muita atenção. À medida que avançávamos, a escuridão parecia aumentar. Vimos um casal, com dois filhos pequenos, preparando alguma coisa para comer. Famílias são raras, ali. A maioria dos trabalhadores chega até o Paris numa balsa frágil. Eles chegam sozinhos, desesperados, dispostos a aceitar qualquer trabalho, desde que lhes assegure um chão para dormir e uma refeição por dia. Somos escravos, sim, todos nós. Ao contrário de mim, porém, que posso partir quando quiser, pois disponho de uma balsa sólida, a maioria dos imigrantes não tem alternativa. Isso explica a apatia. Não só não protestam, não se revoltam com a sua condição, como não toleram aqueles que protestam. Uma ocasião, na cozinha, insurgi-me contra um ajudante de cozinheiro, depois de o ver esbofetear uma menina de 12 ou 13 anos, recém-chegada ao Paris. Para minha surpresa, a ofendida voltou-se contra mim:

– Foi culpa minha – gritou. – Não preciso que você me defenda.

Contei o episódio a Aimée. Olhou-me chocada:

– Nós não sabemos como vivem os pobres. Acho que preferimos não saber.

Leo levou-nos até um pequeno corredor. Havia colchões estendidos no chão. Roupas penduradas em varais.

– Moro aqui. Nunca fui mais além.

– O que há além?

Leo encarou-nos, irritado:

– Não sei: a escuridão.

Perguntei-lhe se ouvira falar num homem a quem chamavam *O Voador*. Encarou-nos assustado:

– Não ouvi nada. Não ouço nada. Não quero problemas com a polícia!

Nesse momento vimos emergir da sombra uma mulher magérrima, vestida com uma espécie de túnica africana, como as que a minha mãe por vezes usa, mas inteiramente negra. Reparei num pequeno sinal, ou numa tatuagem, em forma de meia-lua, ornando-lhe a testa, o qual a tornava, não sei bem por quê, um pouco mais inquietante.

– *O Voador?! Eu vi-o.*

Leo sacudiu as mãos em frente dela, como quem enxota uma mosca:

– Louca! Louca! Não acreditem no que diz.

– Vi-o! – insistiu a mulher. – Um homem bonito. Tem o braço preso ao peito. Partiu o braço ao cair.

Senti que o meu coração parava:

– Partiu o braço ao cair?

– Sim. Caiu nas redes de proteção, numa asa-delta. É o que dizem.

– Falou com ele?

– Falei, enquanto ele dormia. Disse-me que um dia voltarei a pisar terra.

– De onde você é?

– Nasci numa cidade chamada Durban, na África do Sul.

– A minha mãe também é africana! – retorqui, entusiasmado com a coincidência. – Angola ficava na África Austral.

– Sei muito bem onde ficava Angola. E sei onde está hoje: debaixo d'água. Vocês, os filhos do ar, não fazem a menor ideia de como a terra era bonita.

Aimée encarou-a, aborrecida:

– Vemos os filmes. Sabemos muito bem como era a vida na terra.

A mulher riu, trocista:

– Os filmes! Você sabe a que cheirava a savana após a chuva?! Sabe o que é correr livremente, sem nunca tropeçar em paredes? Pode dizer-me o gosto de uma manga colhida dos ramos mais altos de uma mangueira? Sabe sequer o que é uma mangueira?

– Esse tempo passou.

– Todos os tempos passarão. O seu também passará.

– O meu tempo nasce todos os dias, sempre novo.

– Pode ser. Mas eu ainda prefiro o meu tempo morto a esse seu tempo novo. Eu era livre, lá na terra, podia ir para onde quisesse. Aqui, no céu, somos todos prisioneiros, ricos e pobres.

– É verdade – concordei. – Também acho que a maioria das pessoas aqui no Paris, como noutros grandes dirigíveis, vive aprisionada. Há exceções. Eu, por exemplo, tenho a minha balsa. Quando quiser, quando estiver farto de estar aqui, vou-me embora. O céu inteiro é meu, e o céu não tem paredes.

A mulher voltou-se para mim, subitamente alerta:

– É verdade, isso? Você tem uma balsa em boas condições de navegação?

– Em excelentes condições.

Ela estendeu-me a mão:

– Chamo-me Sibongile, mas pode chamar-me Bongile.
Sou sangoma.

– Sangoma?

– Curandeira, se quiser. Na terra sabia tratar algumas doenças mais comuns recorrendo apenas a ervas e raízes. Aqui não tenho ervas, muito menos raízes. Então trato doenças da alma, que, aliás, são quase todas. Também adivinho o futuro, como esse homem a quem chamam *O Voador*. Querem conhecê-lo?

Assenti, tentando controlar a ansiedade:

– Claro. Pode levar-nos até ele?

– Posso, mas com uma condição.

– Que condição?

– Um dia destes quero que me leve a um lugar, na sua balsa.

– Que lugar?

– A um lugar. Não posso lhe dizer agora.

La retorquir que no céu não existem lugares. No céu tudo está sempre em movimento. Calei-me. Naquela altura eu teria aceitado qualquer coisa, contanto que Sibongile nos levasse ao *Voador*. Disse-lhe que sim, e voltamos a apertar as mãos. Deixamos Leo, atônito, a olhar para nós e mergulhamos na sombra.